

DITADURA E GÊNERO EM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLÁUDIA LAGE:

Trauma e construção da memória coletiva sobre as militantes políticas a partir da literatura brasileira contemporânea

Palavras-Chave: Ditadura Militar Brasileira, Literatura brasileira contemporânea, Gênero e feminismos, Memória

Autores(as):

Júlia de Almeida Prado, IFCH – UNICAMP

Prof^a. Dra. Luana Saturnino Tvardovskas (Orientadora), IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A luta pela construção de uma memória coletiva crítica sobre a Ditadura Militar constitui um tema fundamental para a defesa da cidadania e dos direitos humanos na atualidade. No âmbito das ciências humanas, o impacto da violência do período na sociedade tem sido amplamente investigado com foco na persistência das estruturas criadas pela impunidade dos responsáveis pelas violações, e nos efeitos para o corpo social da recusa em se abordar o assunto de forma significativa na esfera pública (Teles e Safatle, 2010). A Lei da Anistia de 1979, não revogada após a redemocratização, é frequentemente citada como um fator que impôs o esquecimento e dificultou o desenvolvimento de políticas eficazes de memória, perpetuando o trauma nas gerações seguintes (Seligmann-Silva, 2022).

Diante desse cenário, surgiram iniciativas significativas para relembrar e reivindicar as vítimas da ditadura, lideradas inicialmente por sobreviventes e familiares apoiados por movimentos sociais. Destacam-se a criação da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP) e da Comissão Nacional da Verdade, que, apesar de suas limitações, revelaram importantes descobertas e produziram relatórios significativos. Eurídice Figueiredo observa que práticas de arquivamento e produção cultural são formas cruciais de resistência ao esquecimento, com a literatura desempenhando um papel especial na evocação do trauma e na crítica às narrativas oficiais. Nesse sentido, percebe como os escritores contemporâneos, em sua maioria jovens no período da ditadura, elaboram em suas obras a persistência do trauma e a busca por reconstruir o passado ao transfigurar as experiências (Figueiredo, 2017).

Márcio Seligmann-Silva (2022) considera a literatura como uma ferramenta vital para a elaboração da memória sobre eventos traumáticos, destacando a importância do testemunho e a relação entre o "real" e o simbólico na construção da memória coletiva. A escrita literária, ao representar o trauma, oferece uma resistência ao apagamento e contribui para a criação de novos espaços políticos. No entanto, a escuta e visibilidade dos testemunhos são limitadas no Brasil devido à falta de políticas de memória. Teóricas feministas, como Margareth Rago (2013) e Susel de Oliveira da

Rosa (2013), ressaltam que as experiências femininas foram duplamente silenciadas, tanto no contexto geral do silenciamento como em sua especificidade relacionada ao gênero.

O romance *O Corpo Interminável* de Cláudia Lage, escrito entre 2011 e 2018, tem como fio condutor a história de Daniel, que, marcado pela ausência de sua mãe guerrilheira desaparecida durante a ditadura militar, busca reconstituir qualquer vestígio de sua memória. Criado pelo avô na casa onde ela vivera, Daniel sofre com o silenciamento quase total do assunto imposto no ambiente doméstico e com a dor da ausência. Sua trajetória encontra-se com a de Melina que, motivada pela incompreensão da atitude aparentemente indiferente de seus pais frente ao momento histórico em que viveram, mergulha no estudo do período. Entre os capítulos narrados pelos protagonistas, vozes anônimas do passado, de guerrilheiras que combateram o regime, surgem relatando a violência e os afetos vivenciados nesse processo.

Desse modo, a presente pesquisa de iniciação científica iniciada no segundo semestre de 2023, teve como objetivo central investigar como *O Corpo Interminável* utiliza representações ficcionais para elaborar uma memória crítica da Ditadura Militar, evidenciando as interconexões entre gênero e trauma geracional. A análise do romance, juntamente com entrevistas e depoimentos, visa compreender como Lage incorpora o testemunho histórico e propõe formas alternativas de rememoração e visibilidade para experiências tradicionalmente invisibilizadas.

METODOLOGIA:

Inicialmente, visando ao cumprimento dos objetivos estabelecidos, foi realizado um levantamento bibliográfico para estabelecer uma base teórica sólida sobre a historiografia que trata da Ditadura Militar a partir da perspectiva de gênero, epistemologias feministas ligadas ao pós-estruturalismo, processos de elaboração de memórias individuais e coletivas, sobretudo a respeito de eventos traumáticos, e a criação literária nesse contexto. Também foram estudadas análises específicas sobre a obra analisada. Em seguida, houve um aprofundamento maior em um estudo documental, que abarcou os capítulos voltados à violência de gênero em três relatórios de Comissões da Verdade (Brasil, 2014; Rio de Janeiro, 2015; São Paulo, 2015), e no contato com depoimentos produzidos por vítimas da repressão. Finalmente, a fonte literária e as entrevistas da autora foram analisadas em diálogo com essa bibliografia, de modo a situar o romance nos processos de memória e elaboração do trauma, sobretudo relacionados à questão do gênero. Realizado pelo prisma da história cultural, o estudo buscou, portanto, compreender como as representações presentes em *O Corpo Interminável* produzem sentidos sobre os aspectos mencionados. Por fim, a etapa final da investigação consistiu na sistematização dos resultados e elaboração de conclusões sobre as questões levantadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A princípio, é importante considerar o aporte teórico mobilizado para a análise da fonte por meio da leitura das bibliografias. Partindo do campo dos estudos sobre literatura, memória e trauma, o conceito de "teor testemunhal" formulado por Seligmann-Silva (2022), foi central para a investigação, definindo a literatura como um meio para elaborar a memória de eventos traumáticos e questionar os limites da representação. Além disso, a pesquisa trabalha com a noção sobre memória como processo social e subjetivo, construída em um dinâmico campo de disputas por meio de um trabalho consciente (Jelin, 2002; Jelin, 2017), e reconfigurada a partir da narração do sujeito (Arfuch, 2013). Nesse sentido, as contribuições de Walter Benjamin e Joan Scott sobre o caráter de transmissibilidade da experiência, e a necessidade de compreendê-la em meio às dinâmicas de poder que as perpassam são um ponto importante da análise. A pesquisa também destaca a importância dos estudos feministas e da "poética

feminista" para entender como a escrita literária pode servir como uma forma de resistência e produção de sentidos (Rago, 2021; Telles, 2012; Vianna, 2003). Esses conceitos teóricos fundamentam a análise da obra literária e contribuem para a discussão das possibilidades de transmissão e elaboração da memória coletiva.

O estudo da fonte principal articulada às entrevistas da autora, aos depoimentos e à historiografia será exposto a partir de dois eixos temáticos, divididos com base nas distintas temporalidades dos focos narrativos que se entrelaçam. Inicialmente, examinaremos o contexto de produção da obra de Cláudia Lage, destacando como ela constrói seu testemunho enquanto membro de uma geração que, embora não tenha vivido a repressão direta, ainda enfrenta suas consequências. O primeiro eixo temático analisará a representação das guerrilheiras anônimas durante a Ditadura Militar, focando em como a autora incorpora e reconstrói esses testemunhos por meio de recursos literários para preservar uma memória frequentemente apagada. Em seguida, a análise se concentrará no presente da narrativa, explorando como o trauma geracional do silenciamento influencia a construção dos personagens Daniel e Melina e suas jornadas para romper com o ciclo de silenciamentos e tentar preencher as lacunas do passado.

A princípio, é fundamental compreender a relação entre a autora e o contexto de produção da obra, para que assim seja possível observar os impactos das tensões políticas contemporâneas em como Cláudia Lage elabora a memória e o testemunho no livro. Nas entrevistas analisadas (Carvalho, 2020; Herold, 2021) ela revela ter iniciado seu processo de escrita em 2011, durante a Comissão Nacional da Verdade, com a esperança de uma reavaliação da ditadura militar. Contudo, a ascensão da extrema direita e a crise política subsequente, destacada em seu relato, forçaram uma reescrita significativa, refletindo a instabilidade e a dúvida. A partir desse momento, o teor testemunhal torna-se central na obra, integrando as experiências relatadas por quem viveu a ditadura, estudadas por Lage ao longo do período de elaboração do texto, com a própria vivência da autora, que se vê como parte de uma geração marcada pelo silenciamento. O processo de reescrita visa capturar a complexidade da memória histórica e tornar visíveis as fraturas na narrativa (Seligmann-Silva, 2022). A literatura, nesse sentido, é defendida como um meio para ressignificar e produzir sentidos sobre eventos dolorosos, com Lage utilizando a ficção para reelaborar o vivido e responder ao compromisso de contribuir com a construção de uma memória histórica (Figueiredo, 2017; Marques, 2023).

Passando ao primeiro eixo temático, observa-se como a representação da memória das militantes femininas em relação à violência de gênero e à repressão é construída. Através dos relatos de ex-militantes e depoimentos de tortura, observamos que a violência sofrida por mulheres durante a Ditadura Militar tinha um caráter específico, destacando a transgressão dos papéis tradicionais de gênero, corpo feminino e a maternidade (Rago, 2013; Rosa, 2013). A tortura não só visava destruir fisicamente as mulheres, mas também atacar sua identidade e dignidade por meio de violência sexual e humilhações específicas (Brasil, 2014; Rio de Janeiro, 2015; São Paulo, 2015). Cláudia Lage, incorpora esses testemunhos em sua obra, por meio dos pontos de vista que emergem na narrativa da busca dos protagonistas, interrompendo a sequência do presente. Para tanto, utiliza técnicas literárias como a fragmentação textual e o descentramento narrativo para refletir a descontinuidade e a dificuldade de narrar o trauma, de modo a transmitir essas experiências, inscrevendo-as em uma poética feminista ao produzir uma discursividade crítica ao apagamento da violência de gênero na memória coletiva (Scott, 1999; Vianna, 2003). Lage dá especial ênfase às experiências de maternidade durante a repressão, ilustrando a brutalidade e o impacto emocional das formas específicas de tortura contra gestantes e mães. Nessas representações, a interconexão entre essas agressões e o trauma geracional fica evidente, ao enfatizar não apenas a violência física e psicológica sofrida individualmente por essa mãe, mas também a quebra de laços afetivos que reverberam de forma geracional, resultando no vazio do esquecimento, vivenciado por Daniel na obra e narrado por diversos filhos de desaparecidos políticos (São Paulo, 2014).

Desse modo, seguimos para a análise do segundo eixo temático, no qual se abordam os impactos desse trauma não solucionado e do silenciamento sobre a geração seguinte, simbolizada na obra pelos protagonistas. No caso de Daniel, a marca da ausência e do silêncio em relação ao passado de sua mãe, é representada sobretudo na figura do avô, por quem foi criado, na mesma casa onde Júlia vivera antes de seu desaparecimento. A recusa quase total do velho em falar sobre o assunto apenas exacerba a sensação de vazio e desconexão de Daniel, mas acaba por impulsioná-lo a tentar reconstituir a memória apagada de sua mãe através da escrita, e reelaborar a própria identidade por meio da escrita. As sensações narradas aparecem de forma recorrente em relatos de filhos de ex-militantes (São Paulo, 2014), e aqui são transfiguradas na representação de um personagem que apesar de jamais conseguir recuperar o passado em sua totalidade, consegue estabelecer novas conexões com a própria identidade e com outras pessoas nesse processo. Na trajetória de Melina, esses sentimentos são construídos em outro sentido, e o estranhamento em relação ao passado familiar ocorre pela incompreensão sobre a aparente indiferença de seus pais, a partir da qual reflete sobre recordações da infância. Sua visão sobre o próprio núcleo familiar é completamente desestabilizada pela descoberta da colaboração de seu pai com a repressão e, a partir disso, seu senso de responsabilidade em romper com o ciclo de silenciamentos que atravessa seu ciclo familiar é ainda mais reforçado.

Melina e Daniel, ao se conectarem, formam um laço crucial para a compreensão e elaboração de suas histórias individuais e coletivas. A colaboração entre eles e a troca de experiências não apenas ajudam Daniel a avançar em sua busca pela verdade, mas também permitem que o testemunho se concretize em um espaço de escuta (Seligmann-Silva, 2022). Essa interação revela a importância do apoio mútuo e da criação de uma memória coletiva que transcende o isolamento e o silêncio imposto pelo passado (Jelin, 2017; Arfuch, 2013). Nesse sentido, ao reelaborar literariamente a experiência desses sujeitos, a obra de Lage funciona como um meio para a difusão de uma outra possibilidade de memória sobre a Ditadura Militar Brasileira na coletividade.

CONCLUSÕES:

A análise da fonte literária principal, articulada às entrevistas, relatórios das comissões da verdade e depoimentos, e amparada pela bibliografia, permite a visualização de possibilidades para a construção de uma memória sobre aspectos frequentemente invisibilizados no contexto da Ditadura Militar, especialmente aqueles relacionados ao gênero e à geração seguinte. Através de recursos literários, Cláudia Lage cria uma obra de teor testemunhal, na qual a fragmentação e o caráter inconclusivo da narrativa refletem a instabilidade dos processos de rememoração do trauma em ambas as perspectivas abordadas. A experiência registrada nos relatos de mulheres, filhos de ex-presos e desaparecidos políticos, bem como da própria autora, é incorporada e reconfigurada na produção de representações que não apenas capturam o trauma, mas também promovem sua visibilidade e inserção na memória coletiva. A interconexão entre violência de gênero e os impactos na geração seguinte se manifesta particularmente em questões relacionadas à maternidade e sua perda, que permeiam a trajetória de todos os personagens, evidenciando a poética feminista da obra. Dessa forma, *O Corpo Interminável* cria sentidos sobre as complexas relações entre gênero, geração, trauma e memória, por meio de representações que possibilitam a quebra do silenciamento e a transmissão dessas experiências.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

LAGE, Claudia. **O corpo interminável**. Rio de Janeiro: Record, 2019

CARVALHO, Paula. **As lacunas na história: É delirante pedir a volta da ditadura militar, diz autora que escreveu sobre o período**. Quatro cinco um, São Paulo, 20 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.quatrocincoum.com.br/br/noticias/literatura/as-lacunas-na-historia>>. Acesso em: 25 jul. 2024

HEROLD, Valentine; **"A literatura surge como uma possibilidade de releitura das nossas memórias": Autora do livro 'O corpo interminável', vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura, Claudia Lage reflete sobre a Ditadura Militar, maternidade e o papel da literatura**. Revista Continente, Recife, 19 abr. 2021. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/secoes/entrevista/-a-literatura-surge-como-possibilidade-de-releitura-das-nossas-memorias->>. Acesso em 25 jul. 2024

Referências bibliográficas

ARFUCH, Leonor. **Memoria y autobiografía. Exploraciones en los límites**, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012

BRASIL. **Violência sexual, violência de gênero e violência contra crianças e adolescentes**. In: Comissão Nacional da Verdade. Relatório. Brasília: CNV, 2014. v. 1.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI Editores. 2002

JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2017

MARQUES, Deyse Filgueiras Batista. **Para alcançar a ausência apesar das fraturas: a escrita do indizível em O Corpo Interminável, de Claudia Lage**. 2023. 195p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Maranhão, São Luís. 2023.

RAGO, Margareth. **A Aventura de Contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAGO, Margareth. **As Marcas da Pantera: Percursos de uma Historiadora**. São Paulo: Intermeios, 2021.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Mulheres na luta contra a ditadura: o terror do Estado e a violência sexual**. In: Relatório Final da Comissão da Verdade do Rio. Relatório. 2015.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias: "Não imagine que precise ser triste para ser militante"**. São Paulo: Editora Intermeios, 2013.

SÃO PAULO (Estado). **Infância Roubada: Crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil**. São Paulo: Alesp, 2014.

SÃO PAULO (Estado). **Verdade e Gênero**. In: Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva". Relatório. 2015. p. 1086-1132.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Unicamp, 2022.

SCOTT, Joan. **Experiência**. In: SILVA, A. L.; LAGO, M. C. S.; RAMOS, T. R. O. (Org.). Falas de gênero: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 21-55.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

TELLES, Norma. **Encantações. Escritoras e imaginação literária no Brasil (século XIX)**. São Paulo: Intermeios, 2012.

VIANNA, Lúcia Helena. **Poética feminista – poética da memória**. Labrys: estudos feministas, nº. 4. Brasília, ago.-dez. 2003